

■ DÓLAR: R\$ 2,958 (-0,03%) ■ BOVESPA: 15.064 (-0,52%) ■ DOW: 9.374,21 (+0,43%) ■ NASDAQ: 1.800,18 (+1,01%) ■ S&P: 1.002,84 (+0,61%)

Baixo consumo puxa queda da economia

Recuo do PIB pelo 2º trimestre seguido surpreendeu: 1,6%. Para especialistas, país vive recessão, mas IBGE não confirma

JANAINA VILELLA

A desaceleração da indústria e a queda recorde no consumo das famílias levaram o Produto Interno Bruto, principal indicador da atividade econômica do país, a despencar 1,6% no segundo trimestre deste ano, em comparação com o primeiro. Foi o pior resultado desde o quarto trimestre de 1998, quando a variação negativa ficou em 1,7%. Nos primeiros três meses do ano, a economia brasileira já havia apresentado taxa de crescimento negativa de 0,6% na comparação com o último trimestre de 2002. Na visão da maioria dos economistas, uma queda do PIB por dois trimestres seguidos já configura um cenário de recessão.

— Chegamos ao fundo do poço. Agora, temos que olhar para frente. Não vai ser nada fácil reverter este quadro. Mas os resultados divulgados nos últimos dias apontam para uma tímida recuperação ainda este ano — previu Paulo Feldmann, diretor da consultoria Bearing Point e professor da Faculdade de Economia e Administração da USP.

Em relação ao segundo trimestre do ano passado, a redução do PIB foi menos acentuada: 1,4%. O resultado surpreendeu analistas do mercado, que previam uma queda de 1%.

— Foi um susto. Já esperávamos que o desempenho da economia não seria dos mais animadores. Mas esse resultado só veio agravar o cenário de recessão que estamos vivendo — disse o ex-diretor do Banco Central e consultor da Macroanálise, Alberto Furuguem.

Para o diretor da RC Consul-

tors, Paulo Rabello de Castro, a mera ausência de crescimento dos indicadores da economia já indica um cenário recessivo.

— A taxa de desemprego é recorde. A renda nunca esteve tão baixa. A produção está parada. Isso é recessão. O conceito de queda por dois trimestres seguidos é típico de países com economias maduras e estabilizadas, não se aplica a nós — disse Rabello de Castro.

O gerente de contas trimestrais do IBGE, Roberto Olinto, justificou que não cabe ao instituto afirmar se o país está ou não em recessão.

— É um conceito complexo, de interpretação subjetiva, não é exato e estatístico, que são as bases de trabalho do IBGE — explicou Olinto.

O gerente do IBGE justifica sua tese apresentando relatório feito por um comitê que analisa o comportamento da economia dos Estados Unidos, no qual é destaca-

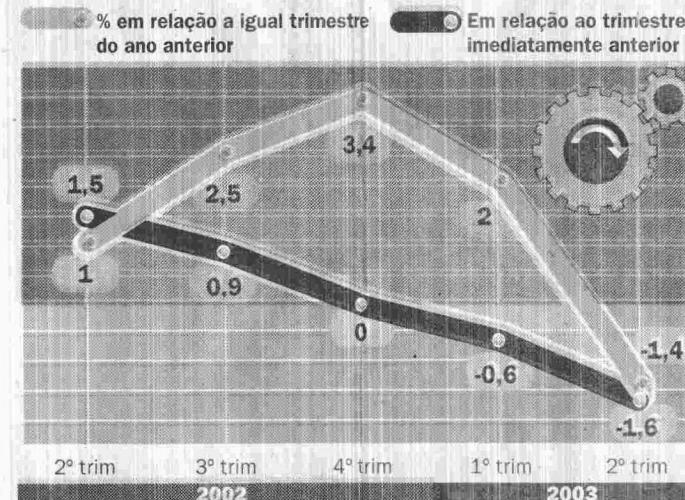
do que dois trimestres consecutivos de queda não significam necessariamente recessão. Pelo documento, essa análise engloba outros fatores, como declínio generalizado nas atividades econômicas, emprego, produção, renda e vendas.

— A complexidade de dizer que um país está em crise é muito maior do que a simples análise de dois trimestres — acrescenta Olinto.

Para o sócio-diretor da Global Invest, Fernando Pinto Ferreira, o atual cenário da economia é resultado da política monetária apertada adotada pelo Banco Central.

— Estamos em recessão e ponto final. O país está colhen-

O comportamento da economia



O QUE É PIB?

• O Produto Interno Bruto é a soma de todas as riquezas geradas em um país. É o principal indicador de crescimento da economia

VOLUME

• Os dados divulgados ontem correspondem à variação do volume de produção. O valor absoluto em reais só será divulgado no dia 30 de setembro

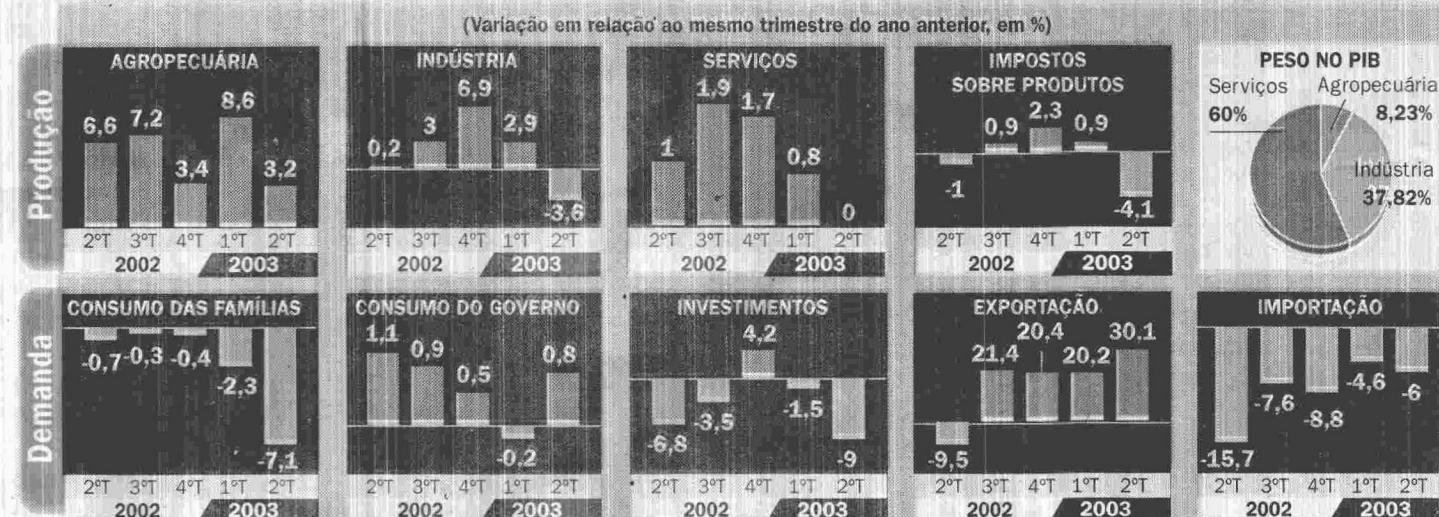
RECESSÃO

• A maioria dos economistas considera que o país está em recessão quando apresenta dois trimestres consecutivos de queda na produção

• Alguns, porém, sustentam que só se pode falar em recessão quando há queda generalizada e profunda no volume de produção

• Outros entendem, no entanto, que a mera ausência de crescimento, mesmo que a variação da produção seja ligeiramente positiva, já é um sinal de recessão

DESEMPENHO POR SETORES



Fonte: IBGE

do hoje os frutos de uma política monetária desequilibrada, que inibiu o consumo e fez a produção industrial desabar.

O resultado negativo do PIB brasileiro foi puxado pela queda recorde de 7,1% no consumo das famílias, em relação ao 2º trimestre do ano passado, a maior da série histórica do IBGE, iniciada em 1991, e pela desaceleração de 3,6% da indústria nacional, que apresentou a segunda redução consecutiva nessa base de compara-

ção, após retração de 2,9% no primeiro trimestre.

Nos subsetores da indústria, o destaque negativo foi a construção civil, que caiu 11,1%. Pelo levantamento do IBGE, a indústria de extração mineral (petróleo, 1,9%) e mesmo a de transformação (0,8%) tiveram resultados positivos no semestre passado.

— O consumo das famílias não tem aumentado porque há escassez de crédito, as taxas de juros ainda estão altas

e a renda está em queda — explicou Olinto, do IBGE.

O volume de produtos brasileiros vendidos ao exterior aumentou 30,1% — o melhor desempenho entre todos os setores. A compra de itens importados caiu (-6%), o que para o PIB é positivo, porque significa menos riquezas lá de fora substituindo o que devia ser produzido aqui.

O total de investimentos também recuou 9%, enquanto o consumo do governo cresceu 0,8%. O ex-diretor do BC Alberto Furuguem observa que os resultados da economia no segundo trimestre não foram ainda piores em função das exportações.

— Se não fosse o bom desempenho das vendas de produtos para o exterior, a queda do PIB seria recorde.

O valor do PIB a preço corrente (números absolutos) será divulgado no próximo mês.

jvilella@jb.com.br